Este livro é para a Quintana.

1.

Em certas latitudes, há um período antes e depois do solstício de verão, algumas semanas no total, em que os crepúsculos se tornam longos e azuis. Estes períodos de noites azuis não ocorrem na Califórnia subtropical, onde vivi grande parte do tempo de que vou falar aqui e onde o fim da luz do dia é rápido e se perde no ofuscante Sol que desce, mas ocorre em Nova Iorque, onde vivo agora. Começamos por notá-lo quando abril chega ao fim e maio começa, uma mudança na estação, não exatamente um aquecimento – na verdade, não é nada um aquecimento –, mas de súbito o verão parece próximo, uma possibilidade, uma promessa, até. Passamos por uma janela, caminhamos no Central Park e damos por nós a nadar na cor azul: a própria luz é azul e, ao longo de uma hora ou assim, este azul aprofunda-se, torna-se mais intenso mesmo enquanto escurece e se desvanece, aproximando-se por fim do azul dos vitrais de Chartres num dia límpido ou da radiação de Cherenkov emitida pelas barras de combustível nos tanques de água dos reatores nucleares. Os Franceses chamam a esta altura do dia «l'heure bleue». Para os Ingleses, é o «gloaming». A própria palavra gloaming *reverbera, ecoa –* gloaming, glimmer, glitter, glisten, glamour *–, transportando nas suas consoantes as imagens de casas em que as persianas descem, de jardins que escurecem, rios bordejados de relva que deslizam pelas sombras. Durante as noites azuis, pensamos que o dia nunca vai acabar. À medida que as noites azuis vão chegando ao fim (e hão de*

chegar, e chegam), experimentamos um verdadeiro arrepio, uma antecipação de doença, quando reparamos: a luz azul está a ir-se, os dias estão a ficar mais pequenos, o verão está a acabar. Este livro chama-se Noites Azuis *porque quando o comecei dei por mim a virar-me mais e mais para a doença, para o fim das promessas, para o definhar dos dias, para a inevitabilidade do desvanecimento, para a morte da claridade. As noites azuis são o oposto da morte da claridade, mas são também o seu alerta.*

2.

26 de julho de 2010.

Hoje seria o seu aniversário de casamento.

Faz hoje sete anos, tirámos os colares de flores das caixas da florista e lançámos a água em que vinham para a relva no exterior da Catedral de São João-o-Divino, na Amsterdam Avenue. O pavão branco abriu a cauda. O órgão tocou. Ela entrelaçou jasmins na trança densa que lhe caía pelas costas. Passou um véu de tule pela cabeça e os jasmins soltaram-se e caíram. A tatuagem de um jasmim em flor logo abaixo do ombro era visível através do tule. «Vamos a isto», murmurou. As rapariguinhas com colares de flores e vestidos pálidos seguiram atrás dela pela nave até ao grande altar. Depois de todas as palavras serem ditas, seguiram atrás dela para lá das portas da catedral e dos pavões (os dois iridescentes pavões azuis e verdes e o pavão branco) até um edifício anexo. Houve sandes de pepino e agrião, um bolo cor de pêssego do Payard, champanhe *rosé*.

Tudo escolhas dela.

Escolhas sentimentais, coisas de que se lembrava.

Eu também me lembrava delas.

Quando ela disse que queria sandes de pepino e agrião no casamento, lembrei-me dela a distribuir pelas mesas em volta da piscina pratos com sandes de pepino e agrião no almoço dos seus dezasseis anos. Quando disse que queria colares de flores e não *bouquets* no

casamento, lembrei-me dela com três ou quatro ou cinco anos a sair do avião no Bradley Field, em Hartford, com os colares que lhe tinham dado na noite anterior ao sair de Honolulu. Nessa manhã, a temperatura no Connecticut era seis abaixo de zero e ela não tinha casaco (não tinha casaco quando deixámos Los Angeles rumo a Honolulu, não estávamos à espera de, na volta, ir até Hartford), mas não viu problema nisso. Crianças com colares de flores não usam casaco, avisou-me ela.

Escolhas sentimentais.

No dia do casamento, conseguiu as escolhas sentimentais todas que quis, menos uma: quis que as raparigas fossem descalças (memória de Malibu, andava sempre descalça em Malibu, tinha sempre farpas por causa do estrado de madeira, farpas do estrado e alcatrão da praia e tintura de iodo por causa dos arranhões dos pregos nas escadas que havia a meio caminho), mas as raparigas tinham sapatos novos para a ocasião e quiseram calçá-los.

O SENHOR E A SENHORA JOHN GREGORY DUNNE
REQUEREM A HONRA DA SUA PRESENÇA
NO CASAMENTO DA FILHA
QUINTANA ROO
COM
GERALD BRIAN MICHAEL
NO SÁBADO, VINTE E SEIS DE JULHO
ÀS CATORZE HORAS

Os jasmins.

Outra escolha sentimental?

Será que se lembrava dos jasmins?

Foi por isso que os quis, que os entrelaçou na trança?

Na casa de Brentwood Park em que vivemos de 1978 até 1988, uma casa tão resolutamente convencional (dois andares, vestíbulo central, janelas com portadas e uma salinha contígua a cada quarto) a ponto de ser idiossincrática («a casa deles dos subúrbios em Brentwood», era assim que ela se referia à casa quando a comprámos, uma criança de doze anos a deixar claro que não fora decisão dela, ao gosto dela, uma criança a reclamar a distância de que todas

as crianças acham que precisam), havia jasmins a crescer para lá das portas que davam para o terraço. Eu afastava as flores cerosas quando ia para o jardim. Havia canteiros de alfazemas e também hortelã, um emaranhado de hortelã, luxurioso por causa de uma torneira que pingava. Mudámo-nos para essa casa no verão quando ela estava prestes e começar o sétimo ano no que então ainda era a Westlake School para Raparigas, em Holmby Hills. Parece que foi ontem. Saímos dessa casa no ano em que ela estava quase a licenciar-se em Barnard. Também isto parece que foi ontem. Nessa altura, os jasmins e a hortelã já tinham morrido, porque o homem que estava a comprar a casa insistiu que nos livrássemos das térmitas cobrindo a casa e bombeando lá para dentro *Vikane* e cloropicrina. Quando este comprador fez uma oferta, mandou-nos dizer pelos intermediários, aparentemente como maneira de fechar o negócio, que queria a casa porque conseguia imaginar a filha a casar no jardim. Isto foi algumas semanas antes de exigir que bombeássemos o *Vikane* que matou os jasmins, matou a hortelã e também matou a magnólia rosa que a criança de doze anos com uma visão tão determinadamente remota da nossa casa suburbana em Brentwood conseguira até então ver das janelas da sua salinha no andar de cima. As térmitas, e eu tinha a certeza disso, voltariam. A magnólia rosa, tinha eu também a certeza, não.

Fechámos o negócio e mudámo-nos para Nova Iorque.

Onde, na verdade, eu já tinha vivido, desde os vinte e um anos, acabada de sair do Departamento de Inglês de Berkeley e a começar a trabalhar na *Vogue* (uma transição tão profundamente antinatural que quando o departamento de pessoal da Condé Nast me pediu para indicar as línguas em que eu era fluente, só consegui pensar em inglês médio) até aos vinte e nove e recém-casada.

Onde voltei a viver desde 1988.

Então, porque digo que vivi grande parte deste tempo na Califórnia?

Porque experimentei então um sentimento tão agudo de traição ao trocar a carta de condução da Califórnia por outra emitida em Nova Iorque? Não é uma transação simples? Aproxima-se o nosso dia de anos, a carta tem de ser renovada, que diferença faz onde se renova? Que diferença faz que se tenha este número na carta desde

que foi emitida pelo estado da Califórnia quando tínhamos quinze anos e meio? De qualquer maneira, não houve sempre um erro na carta de condução? Um erro que conhecias? A carta não diz que tens um metro e cinquenta e oito? Quando sabes perfeitamente que tens, no máximo – (altura máxima, altura máxima de sempre, altura antes de perderes um centímetro e pouco ao envelhecer) –, quando sabes que tens, no máximo, um metro e cinquenta e cinco?

Porque daria tanta importância à carta de condução?

Que era isto?

Abandonar a carta da Califórnia queria dizer que nunca mais iria ter quinze anos e meio?

Quereria tê-los?

Ou essa história com a carta era apenas mais um caso da «aparente desadequação do acontecimento precipitador»?

Ponho «aparente desadequação do acontecimento precipitador» entre aspas porque a expressão não é minha.

Karl Menninger usou-a em *Man Against Himself* para descrever a tendência para reagir exageradamente ao que podem parecer circunstâncias vulgares, até previsíveis: propensão, diz-nos o doutor Menninger, habitual entre os suicidas. Menciona a jovem mulher que se torna deprimida e se mata depois de cortar o cabelo. Refere o homem que se mata porque foi aconselhado a deixar de jogar golfe, a criança que comete suicídio porque o seu canário morreu, a mulher que se mata depois de perder dois comboios.

Repare-se: não um comboio, *dois* comboios.

Pense-se nisto.

Considere-se que circunstâncias especiais são necessárias antes de esta mulher desistir de tudo.

«Nestas instâncias», diz-nos o doutor Menninger, «o cabelo, o golfe e o canário tinham um valor exagerado, de modo que quando foram perdidos ou havia sequer a ameaça de que poderiam sê-lo, a repercussão de laços emocionais cortados foi fatal.»

Sim, é evidente, indiscutivelmente.

«O cabelo, o golfe e o canário» tinham recebido um valor exagerado (presumivelmente, também o segundo daqueles dois comboios perdidos), mas porquê? O próprio doutor Menninger faz esta pergunta, ainda que apenas de forma retórica: «Mas porque existem

tais extravagantemente exageradas sobrestimações e avaliações incorretas?» Terá imaginado que respondeu à pergunta apenas porque a fez? Pensou que tudo o que tinha de fazer era formulá-la e depois recuar para uma nuvem de teóricas referências psicanalíticas? A sério que eu podia ter interpretado mudar a minha carta de condução da Califórnia para Nova Iorque como uma experiência que implicava «laços emocionais cortados»?

Via-o mesmo como uma perda?

Via-o verdadeiramente como uma separação?

E antes de deixarmos este assunto dos «laços emocionais cortados»:

A última vez que vi a casa de Brentwood Park antes de mudar de dono, estávamos na rua a olhar para o camião das mudanças a afastar-se e a virar para a Marlboro Street, tudo o que então possuíamos, incluindo uma carrinha *Volvo*, já lá dentro e a caminho de Nova Iorque. Quando o camião desapareceu da vista, atravessámos a casa vazia em direção ao terraço, um momento de despedida menos terno por causa do cheiro persistente a *Vikane* e das folhas mortas e secas onde a magnólia rosa e os jasmins tinham estado. Até em Nova Iorque eu sentia o cheiro a *Vikane*, sempre que abria uma caixa de cartão. Quando voltei a estar em Los Angeles e passei pela casa, já lá não estava, fora demolida, para ser substituída um ou dois anos depois por uma casa pouco maior (mais um quarto por cima da garagem, mais meio metro numa cozinha já suficientemente grande para acomodar um piano de cauda em que quase ninguém reparava), mas a que faltava (para mim) o resoluto carácter convencional da casa original. Anos mais tarde, encontrei numa livraria de Washington a filha, aquela que o dono dissera que conseguia imaginar a casar no jardim. Andava na escola algures em Washington (Georgetown? George Washington?), e eu estava lá para uma leitura na livraria Politics and Prose. Apresentou-se. Cresci na sua casa, disse. Não exatamente, coibi-me de dizer.

O John dizia sempre que tínhamos «voltado» para Nova Iorque.

Eu nunca voltei.

Brentwood Park era o passado, Nova Iorque era agora.

Brentwood Park antes da *Vikane* fora um tempo, um período, uma década, em que tudo parecera ligar-se.

A nossa casa suburbana de Brentwood.

Era exatamente isso. Ela estava certa.

Houve carros, uma piscina, jardim.

Houve agapantos, lótus, clerodendros de um azul intenso que flutuavam em compridas hastes. Houve onagráceas, nuvens de pequenas florescências brancas que apenas se viam ao nível dos olhos quando a luz do dia se dissipava.

Houve tecido de chita, pano-cru.

Houve um boiadeiro-da-flandres imóvel no patamar das escadas, um olho aberto, de guarda.

O tempo passa.

A memória desvanece-se, a memória ajusta-se, a memória conforma-se ao que julgamos recordar.

Até a memória dos jasmins na sua trança, até a memória da tatuagem do jasmim em flor visível através do tule.

É horrível morrermos sem ter filhos. Quem o disse foi Napoleão Bonaparte.

Que maior dor pode haver para os mortais do que ver os filhos mortos. Quem o disse foi Eurípides.

Quando falamos de mortalidade, falamos dos nossos filhos.

Fui eu quem o disse.

Penso agora nesse dia de julho de 2003 em São João-o-Divino e espanta-me como o John e eu parecíamos estar tão bem. Na verdade, nenhum de nós estava nada bem: o John submetera-se nessa primavera e no verão a uma série de intervenções ao coração, a mais recente um *pacemaker*, cuja eficácia continuava a ser questionável; três semanas antes do casamento eu tinha desmaiado na rua e passara as noites seguintes nos cuidados intensivos a receber transfusões de sangue por causa de uma inexplicável hemorragia gastrointestinal. «Vai apenas engolir uma pequena câmara», disseram-me nos cuidados intensivos, quando tentavam demonstrar a eles mesmos qual era a causa da hemorragia. Lembro-me de resistir: nunca na vida tinha sido capaz de engolir uma aspirina e parecia pouco provável que conseguisse engolir uma câmara.

«É claro que consegue, é apenas uma *pequena* câmara.»

Pausa. A tentativa de ligeireza tornada persuasão.

«É mesmo uma câmara *muito* pequena.»

Acabei por engolir a muito pequena câmara e a muito pequena câmara transmitiu as imagens desejadas, que não mostraram o que estava a causar a hemorragia, mas demonstraram que com sedativos suficientes qualquer pessoa pode engolir uma câmara muito pequena. De maneira semelhante, noutra aplicação menos que perfeitamente eficiente de medicina de alta tecnologia, o John podia encostar um telefone ao coração, marcar um número e obter a leitura do *pacemaker*, o que demonstrava, explicaram-me, que no preciso instante em que ele marcava o número (embora não necessariamente antes ou depois) o aparelho estava a funcionar.

A medicina, e tive desde então oportunidade de o observar por mais do que uma vez, continua a ser uma arte imperfeita.

Mas tudo parecia estar bem quando sacudíamos a água dos colares de flores para a relva do lado de fora de São João-o-Divino no dia 26 de julho de 2003. Quem passasse pela Amsterdam Avenue nesse dia e reparasse no casamento, veria como a mãe da noiva não estava preparada para aceitar o que iria acontecer antes de o ano de 2003 chegar ao fim? O pai da noiva morto à mesa do jantar? A própria noiva em coma induzido, ligada a um respirador, e os médicos sem esperar que sobrevivesse à noite? A primeira de uma cascata de crises médicas que acabariam vinte meses depois na morte dela?

Vinte meses durante os quais ela conseguiria caminhar sem apoio talvez durante um mês, ao todo?

Vinte meses durante os quais ela passaria semanas inteiras nas unidades de cuidados intensivos de quatro hospitais diferentes?

Em todas essas unidades de cuidados intensivos havia as mesmas cortinas azuis e brancas. Em todas essas unidades de cuidados intensivos havia os mesmos sons, o mesmo gorgolejar em tubos de plástico, o mesmo gotejar do tubo de soro, o mesmo som de pieira, os mesmos apitos. Em todas aquelas unidades de cuidados intensivos havia os mesmos cuidados para evitar mais infeções, vestir duas batas, os chinelos de papel, a touca, a máscara, as luvas que se calçavam com dificuldade e que deixavam uma irritação que se tornava vermelha e sangrava. Em todas aquelas unidades de cuidados intensivos havia a mesma correria quando havia uma paragem cardíaca, o barulho dos pés no chão, o chocalhar do carrinho de emergência.

Isto nunca lhe devia ter acontecido, lembro-me de pensar – indignada, como se nos tivesse sido prometida uma isenção especial – na terceira daquelas unidades de cuidados intensivos.

Quando falamos de mortalidade, falamos dos nossos filhos.

Acabei de o dizer, mas que significa?

Sim, é claro que percebo, é claro que percebes, outra forma de reconhecermos que os nossos filhos são reféns da fortuna, mas quando falamos nos nossos filhos, de que estamos a falar? No que representou para nós tê-los? No que representou para nós não os ter? No que representou deixá-los ir? Estamos a falar do enigma que é comprometermo-nos a proteger o que não pode ser protegido? No imenso quebra-cabeça que é ser pai ou mãe?

O tempo passa.

Sim, de acordo, uma banalidade, é claro que o tempo passa.

Então porque o digo, porque já o disse mais do que uma vez?

Tenho estado a dizê-lo da mesma maneira que digo que vivi a maior parte da minha vida na Califórnia?

Tenho estado a dizê-lo sem ouvir o que digo?

Será que o ouço mais assim: *O tempo passa, mas não tão agressivamente que alguém repare*? Ou mesmo: *O tempo passa, mas não para mim*? Não terei levado em conta nem a natureza em geral nem o abrandar regular, as mudanças irreversíveis na mente e no corpo, o modo como acordamos numa manhã de verão menos resistentes do que éramos e chegados ao Natal vemos que a nossa capacidade de mobilizar desapareceu, atrofiou, já não existe? Ter vivido a maior parte da vida na Califórnia, e depois já não? A forma como a nossa perceção do tempo que passa – este abrandar constante, esta resistência que desaparece – se multiplica, se metastiza, se torna a nossa própria vida?

O tempo passa.

Será que nunca acreditei nisso?

Terei acreditado que as noites azuis duravam para sempre?

3.

Na última primavera, em 2009, tive alguns alertas, bandeiras na pista, inequívocos sinais do escurecer mesmo antes da chegada das noites azuis.

L'heure bleue. O *gloaming*.

Ainda não evidente quando o escurecer desse ano mostrou os seus primeiros sinais.

O primeiro desses sinais foi súbito, o telefonema que desejamos nunca ter atendido, as notícias que ninguém quer receber: alguém de quem eu estivera próximo desde a infância, Natasha Richardson, caíra a fazer esqui numa encosta nos arredores do Quebeque (férias da primavera, com a família, uma encosta para principiantes, *isto não era para lhe acontecer*) e quando percebeu que não se sentia completamente bem, estava a morrer, vítima de um hematoma epidural, um ferimento traumático no cérebro. Era filha da Vanessa Redgrave e do Tony Richardson, que era um dos nossos amigos mais chegados em Los Angeles. A primeira vez que a vi, ela tinha talvez treze ou catorze anos, ainda não confortável por completo na sua própria pele, uma adolescente incerta mas determinada com um pouco de maquilhagem a mais e meias espantosamente brancas. Viera de Londres para visitar o pai na sua casa da Kings Road, em Hollywood, uma excêntrica estrutura plana que pertencera a Linda Lovelace, a estre-

la de *Garganta Funda*. Tony comprara a casa e enchera-a de luzes, papagaios e galgos. Quando Tasha chegou de Londres, ele levara-a a jantar connosco no La Scala. O jantar não fora planeado como comemoração da sua chegada, mas nessa noite no La Scala havia muitas pessoas que o pai e eu conhecíamos e ele fez o jantar parecer uma comemoração. Ela gostou. Alguns anos mais tarde, a Quintana estava na mesma idade incerta e Tasha, então com dezassete anos, estava a passar o verão em Le Nid du Duc, a vila que o pai inventara, um divertimento pessoal, vaidade de realizador, nas encostas do Var, acima de Saint-Tropez.

Dizer que Tasha estava a passar o verão em Le Nid du Duc não descreve bem a situação. Na verdade, quando o John e eu chegámos a França nesse verão, a Tasha estava a gerir Le Nid do Duc, castelã de dezassete anos do que acabava por ser uma festa caseira que durava o verão inteiro, com um grupo renovável de trinta pessoas. Tasha geria o abastecimento das diversas casas que constituíam o complexo. Cozinhava e servia, sem ajuda nenhuma, três refeições por dia para o grupo de base de trinta pessoas, e para mais qualquer pessoa que calhasse subir a colina, que tomava uma bebida e esperava que as longas mesas sob as limeiras fossem postas – não apenas cozinhar e servir, mas, como notou Tony nas suas memórias *The Long-Distance Runner*, «completamente imperturbável quando lhe diziam que haveria mais vinte pessoas para o almoço».

O mais espantoso é que, aos dezassete anos, Tasha estava a encarregar-se da introdução na vida adulta não apenas das irmãs Joely e Katharine, mas de duas miúdas que andavam no oitavo ano, uma delas Quintana, e a outra era Roxana, filha de Kenneth e Kathleen Tynan, ambas ávidas por crescer, cada uma determinada em portar-se mal. Tasha certificava-se que a Quintana e Roxana chegavam ao local correto na praia de Saint-Tropez todas as tardes, e nesse verão o local correto de eleição era o Aqua Club. Certificou-se que Quintana e Roxana eram apresentadas em condições aos rapazes italianos que andavam atrás delas na praia, e para Tasha uma apresentação «em condições» implicava uma refeição nas mesas compridas debaixo das limeiras em Le Nid du Duc. Tasha veio do Aqua Club e fez um *beurre blac* perfeito para o peixe

que Tony comprou nessa manhã, e Tasha observou Quintana e Roxana a convencer os rapazes italianos de que estavam não com duas miúdas de catorze anos que vestiam os uniformes de algodão de cor pastel das Escolas para Raparigas de Westlake e Marlborough em Los Angeles, mas com duas universitárias extremamente sofisticadas da UCLA.

E eu nunca, mas nunca, jamais ou vi a Tasha contrariar essa ou qualquer outra das românticas fábulas do verão.

Au contraire.

Tasha inventava as fábulas, Tasha escrevia o romance.

A última vez que a vi foi – umas noites depois de ela ter caído na encosta, nos arredores do Quebeque – num quarto do Hospital Lenox Hill, em Nova Iorque, como se estivesse prestes a acordar.

Não estava prestes a acordar.

Viera de avião de Monreal, enquanto a família se reuniu em Nova Iorque.

Quando saí do hospital depois de a ver, havia fotógrafos lá fora, à espera de conseguir captar a família.

Contornei-os apanhando a Park Avenue e fui a pé até casa.

O seu primeiro casamento, com o produtor Robert Fox, fora no meu apartamento. Ela enchera os quartos com flores de marmeleiro, para a cerimónia. As flores acabaram por cair, mas os ramos mantiveram-se, quebradiços e poeirentos, galhos a partir-se, mas ainda a conseguir passar por elementos decorativos na sala de estar. Quando regressei do Lenox Hill nessa noite, o apartamento parecia estar cheio de fotografias da Tasha e dos pais. O pai nos locais de filmagem de *A Fronteira da Vergonha*, com uma câmara *Panavision*. O pai em filmagens em Espanha, com um corta-vento vermelho, a dirigir Melanie Griffith e James Wood num projeto da HBO que ele e o John fizeram juntos. A mãe nos bastidores do Booth Theater na Rua Quarenta e Cinco Oeste, no ano em que ela e eu fizemos juntas uma peça. A própria Tasha, a falar com John numa das mesas compridas que ela arranjara no exterior para o jantar de casamento na quinta de Millbrook quando se casou pela segunda vez, desta vez com Liam Neeson.

Conseguiu tratar desse casamento na quinta como antes e depois tratou dos verões em Le Nid du Duc.

Até arranjou um padre e uma missa. Passou o tempo todo a referir-se ao padre como «padre Dan». Só quando ele foi mesmo fazer a cerimónia percebi que o «padre Dan» era Daniel Berrigan, um dos irmãos Berrigan, os ativistas. Parece que Daniel Berrigan tinha sido consultor no filme *A Missão*, do Roland Joffé. Parece que Liam tivera um papel n'*A Missão*. Ou seja, Tasha concebeu todo o acontecimento como uma peça de teatro, o tipo de situação de que Tony gostava, mais do que tudo. Em particular, teria gostado que Tasha se esquecesse das hóstias para a missa, partindo grandes baguetes em pedaços e passando-os em substituição, mas Tony estava morto por altura desse casamento.

Tasha morreu em março de 2009.

Isto não lhe devia ter acontecido.

No seu vigésimo primeiro aniversário, o pai fizera um filme do almoço que deu em sua honra na antiga casa de Linda Lovelace na Kings Road. John desejara-lhe um feliz aniversário, no filme. A Quintana, Fiona Lewis e Tamara Asseyev cantaram «Girls Just Want to Have Fun», no filme. Depois do almoço, desatámos montes de balões brancos e vimo-los dispersar pelas colinas de Hollywood, no filme. Eis os versos de W. H. Auden que Tony citou nessa tarde como «o melhor desejo do vigésimo primeiro aniversário que se pode desejar a alguém»:

So I wish you first a
Sense of theatre; only
Those who love illusion
And know it will go far —

Tasha e o pai e o John e a Quintana e os galgos e os papagaios e os balões brancos, tudo ainda ali, em filme.

Tenho uma cópia do filme.

So I wish you first a sense of theatre…

Portanto, o pai tê-lo-á dito no casamento em Millbrook.

O segundo aviso, este nada súbito, veio em abril de 2009.

Porque eu estava a revelar sintomas de neurite, ou neuropatia, ou inflamação neurológica (não parecia haver consenso quanto ao

nome a dar-lhe), fiz uma ressonância magnética, e depois uma angiografia. Nenhuma sugeria uma razão definitiva para os sintomas, mas imagens do círculo de Willis mostravam um aneurisma de 4,2 por 3,4 milímetros bem dentro desse círculo de artérias – artéria cerebral anterior, comunicante anterior, carótida interna, cerebral posterior e comunicante posterior – na base do cérebro. Esta descoberta, salientaram os diferentes neurologistas que examinaram as imagens, era «completamente acidental», não tinha «nada que ver com o que estamos à procura» e nem sequer tinha necessariamente significado nenhum. Um dos neurologistas aventou sobre este aneurisma em particular: «Não parece estar prestes a rebentar»; outro sugeriu: «Se rebentar, a senhora não sobrevive.»

Isto parecia ser oferecido como notícias encorajadoras, e foi assim que as aceitei. Nesse momento, em abril de 2009, percebi que já não tinha, se é que alguma vez tivera, medo de morrer: agora tinha medo de não morrer, medo de danificar o cérebro (ou o coração ou os rins ou o sistema nervoso) e sobreviver, continuar a viver.

Houve algum momento em que Tasha teve medo de não morrer?

Houve algum momento em que a Quintana teve medo de não morrer?

Perto do fim definitivo, por exemplo na manhã de agosto em que entrei na unidade de cuidados intensivos com vista para o rio no New York-Cornell e um dos talvez vinte médicos na unidade calhou mencionar (um ponto de interesse, um momento pedagógico, a ronda com dois estudantes, o marido e a mãe da paciente) que estavam a fazer compressões à mão porque a paciente já não conseguia receber oxigénio pelo ventilador? E eu perguntei com zelo (a estudante atenta) há quanto tempo a paciente não conseguia receber oxigénio do ventilador? E o médico disse que há pelo menos uma hora.

Percebi mal tudo isto?

Não percebi algum pormenor importante?

Eles podiam mesmo ter deixado passar uma hora sem me dizer que o cérebro dela já fora danificado por falta de oxigénio?

Fazendo a pergunta de outra maneira: e se a estudante atenta nunca tivesse perguntado?

Eles tê-lo-iam sequer mencionado?

Mais uma volta do parafuso: se eu nunca tivesse perguntado, ela ainda estaria viva?

Armazenada algures?

Já não senciente, mas viva, não morta?

Que maior dor pode haver para os mortais do que ver os filhos mortos?

Houve um instante em que ela soube o que a esperava, naquela manhã de agosto nos cuidados intensivos com vista para o rio no New York-Cornell?

Esse instante aconteceu nessa manhã de agosto quando ela estava de facto a morrer?

Ou aconteceu anos antes, quando ela pensou que estava?

4.

«Quando a Quintana era miúda, mudámo-nos para Malibu, para uma casa com vista para o Pacífico.» Assim começou o brinde que o John fez no anexo da Catedral de São João-o-Divino na tarde em que ela enrolou os jasmins na trança e cortou o bolo cor de pêssego do Payard. Houve pormenores da vida nessa casa com vista para o Pacífico que ele não mencionou – não mencionou, por exemplo, como o vento soprava pelos desfiladeiros e gemia sob os beirais e fazia levantar o telhado e cobria as paredes brancas com cinza da lareira, não mencionou, por exemplo, as cobras-de-leite que caíam das vigas da garagem para dentro do *Corvette* que eu estacionara por baixo, não mencionou, por exemplo, que as cobras-de-leite eram consideradas um bem valioso porque se entendia (eu nunca fiquei convencida) que a presença de uma cobra-de-leite no *Corvette* significava que não se tinha uma cascavel no *Corvette* –, mas falou, sim, do seguinte. Consigo citar com exatidão o que ele disse, porque depois de o ter feito ele o escreveu. Queria que ela o tivesse nas próprias palavras dele, a memória exata que ele tinha, nas suas palavras exatas, da infância dela:

> A casa não tinha aquecimento – tinha uns aquecedores velhos, mas tínhamos sempre medo que pegassem fogo

ao sítio – e por isso aquecíamos a casa com uma enorme lareira na sala de estar. De manhã, eu levantava-me e ia buscar lenha para o dia todo – gastávamos cerca de três metros cúbicos e meio por semana – e depois acordava a Q e fazia-lhe o pequeno-almoço e preparava-a para a escola. A Joan estava a tentar acabar um livro nesse ano, e trabalhava até às duas ou três da manhã, depois tomava uma bebida e lia alguma poesia antes de vir para a cama. Fazia sempre o almoço da Q na noite anterior, e punha-o numa pequena lancheira azul. Haviam de ver aqueles almoços: não eram os habituais almoços para a escola com sandes de manteiga de amendoim e geleia. Eram pequenas sandes sem a côdea, cortadas em quatro pedaços triangulares, embrulhadas em película aderente. Ou então era galinha frita caseira, com um pequeno saleiro e pimenteiro. E para a sobremesa, morangos sem o pé, com creme ácido e açúcar mascavado.

Então eu levava a Q para a escola e ela descia uma colina inclinada que havia. Todos os miúdos usavam uniforme – a Quintana usava um macacão axadrezado e uma camisola branca, e o cabelo dela – ela era loura, naquele sol de Malibu –, o cabelo dela estava num rabo de cavalo. Eu ficava a vê-la desaparecer encosta abaixo, com o Pacífico num grande fundo azul, e pensava que era o mais bonito que jamais vira. E digo à Joan: «Tens de ver isto, querida.» Na manhã seguinte, a Joan vem connosco, e quando viu a Q desaparecer colina abaixo, começou a chorar.

Hoje a Quintana está a subir essa encosta. Não é a loura com o macacão axadrezado e lancheira azul e rabo de cavalo. É a Noiva Princesa – e no topo dessa colina está o seu Príncipe. Acompanhem-me num brinde ao Gerry e à Quintana.

Assim fizemos.

Acompanhámo-lo num brinde ao Gerry e à Quintana.

Brindámos ao Gerry e à Quintana em São João-o-Divino e algumas horas depois, na sua ausência, num restaurante chinês da

Rua Sessenta e Cinco Oeste com o meu irmão e a família dele, brindámos outra vez ao Gerry e à Quintana. Desejámos-lhes felicidade, desejámos-lhes saúde, desejámos-lhes amor e sorte e filhos bonitos. Nesse dia do casamento, 26 de julho de 2003, não víamos motivo para que dádivas vulgares como essas não acontecessem.

Reparem:

Ainda víamos felicidade e saúde e amor e sorte e filhos bonitos como «dádivas vulgares».